

**DA NOÇÃO DE ESCRIVIVÊNCIA À IDEIA DE UMA LITERATURA
EMPENHADA: REPRESENTAÇÕES DE UM DEVIR-MULHER-NEGRA NA
OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**FROM THE NOTION OF WRITE-LIVING TO THE IDEA OF A COMMITTED
LITERATURE: REPRESENTATIONS OF A BECOMING-BLACK-WOMAN IN
THE WORK OF CONCEIÇÃO EVARISTO**

Roniê Rodrigues da Silva¹

RESUMO

Considerando a noção de escrevivência e o caráter empenhado da literatura de Conceição Evaristo, este artigo problematiza as formas de representação da mulher negra na obra da referida autora, associando-as ao construto teórico do devir-mulher-negra, a partir dos estudos dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997). No desenvolvimento da discussão, realizamos uma leitura crítica de dois textos literários, o poema “Vozes-mulheres” e o conto “Duzu-querença”, demonstrando como a escrita evaristiana se constitui como uma espécie de projeto político e social, testemunho e ficção, a partir do qual vai trazendo à tona elementos apagados ou desprivilegiados por uma tradição literária.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, devir-mulher-negra, escrevivência, literatura empenhada.

ABSTRACT

Considering the notion of write-living and the committed character of Conceição Evaristo's literature, this article problematizes the forms of representation of black women in the work of that author, associating them with the theoretical construct of the becoming-black-woman, based on the studies of philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari (1997). In the development of the discussion, we carried out a critical reading of two literary texts, the poem “Vozes-mulheres” and the short story “Duzu-querença”, demonstrating how Evaristian writing constitutes itself as a kind of political and social project, testimony and fiction, from which it brings to the fore elements erased or underprivileged by a literary tradition.

Keywords: Conceição Evaristo, becoming-black-woman, write-living, committed literature.

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/5453075942539188> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2738-7087> . E-mail: ronierodrigues@uern.br .

Introdução

A obra da escritora contemporânea Conceição Evaristo problematiza e questiona a representação estereotipada da personagem negra, tradicionalmente caracterizada a partir de dois polos de avaliação, conforme demonstrados por Queiroz Júnior (1982), em texto intitulado *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. Na referida publicação, o estudioso destaca alguns atributos da mulher negra equivocadamente considerados como positivos (habilidades culinárias, resistência física para o trabalho, saúde vigorosa, solidariedade e sensualidade irresistível) e outros normalmente interpretados como negativos (falta de moralidade, irresponsabilidade, além do fato de ser bastante pródiga). Uma análise crítica desses atributos, mesmo daqueles tomados como positivos, revela, na verdade, que eles não exprimem uma notoriedade da mulher negra, mas servem antes como justificativa para a exploração do seu corpo para o trabalho físico e a violência sexual.

Contrariando essa perspectiva histórica, a literatura evaristiana investe na expressão de um novo paradigma por meio do qual denuncia as relações de poder a que estão quase sempre submetidas as mulheres negras. Nesse sentido, a obra da autora pode ser lida como uma espécie de escrita transgressora, visto que contribui para constituir uma história literária que revela elementos apagados ou desprivilegiados por uma tradição falocêntrica e branca, dentro da qual a mulher, sobretudo aquela que carrega na cor da pele a marca da exclusão, sempre foi vista como um objeto.

Essa condição de objeto deve-se, entre outros fatores, a uma completa ausência de escritoras negras no desenvolvimento da literatura brasileira, as quais pudessem escrever a própria história. Assim, mesmo que se fale em nomes isolados como o de Maria Firmina dos Reis, não existe uma tradição de escritoras negras, pois, conforme destaca uma das estudiosas do tema:

(...) o campo literário brasileiro é extremamente homogêneo (...), composto por autores que (...) são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não tem as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 14).

A respeito disso, a professora citada concebe a literatura brasileira como um território contestado, no qual grupos marginalizados, como ocorre com o conjunto de indivíduos formado por mulheres negras, buscam encontrar legitimamente um espaço de fala.

Nessa perspectiva, quando uma autora como Conceição Evaristo desponta no cenário das letras nacionais oportuniza à mulher negra tornar-se sujeito da sua própria escrita, investindo na produção de uma obra contestadora e que pode ser lida no campo das micropolíticas, como diriam os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996)². Uma literatura que traduza por ela mesma uma noção de potência, atuando de maneira expressiva contra uma representação do sexismo e do racismo.

Considerando essa compreensão a respeito da literatura evaristiana, buscaremos desenvolver, ao longo desse trabalho, uma leitura crítica da obra da escritora mineira, problematizando a representação de um tipo específico de personagem - marginalizado por uma identidade de gênero (sujeito mulher), por imbricações étnicas (negra/afrodescendente) e por uma condição social desprestigiada (pobre/miserável) - associando-a à noção de um devir-mulher advinda das contribuições filosóficas de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997).

Noções crítico-teóricas sobre o devir-mulher

Na literatura evaristiana, as personagens mulheres geralmente se caracterizam por serem negras, de baixa renda, residindo nas zonas periféricas das cidades e ocupando funções sociais/profissionais consideradas marginais, a partir das quais são ainda mais discriminadas. São indivíduos ficcionais que aparecem representados como mulher ou ex-mulher de bandido (como Ana Davenga, do conto homônimo), empregadas domésticas (como a protagonista da narrativa “Maria”), ou que são obrigados a se prostituir (como ocorre à personagem Duzu, do conto

² A noção de micropolítica é compreendida nesse trabalho a partir das considerações filosóficas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, os quais propõem, no conjunto de sua obra, um novo paradigma ético-estético que se caracteriza por um contraponto com os sistemas dominantes, hegemônicos, os quais caracterizariam uma macropolítica. Nesse sentido, a micropolítica se configura no campo do ativismo, da prática contestatória dos poderes totalitários. Em resumo, “trata-se de uma política imanente de atenção ao acontecimento, que inova ao não postular um modelo prévio e transcendente de sociedade ideal” (NETO, 20015, p. 398).

“Duzu-Querença”). Em cada um desses exemplos, retirados do livro de contos *Olhos d'água* (2016), a narrativa assinala uma situação histórica de desprestígio social, que caracteriza a vivência desse tipo de sujeito.

Todavia, ainda que a mulher negra apareça ficcionalizada em condições de marginalização, e isso não poderia ser diferente porque negaria uma realidade histórica, as personagens de Conceição Evaristo procuram, de alguma maneira, realizar uma interferência na estrutura da sociedade, com vistas a transformar a realidade da condição de objeto, a que normalmente aparecem associadas, para se tornarem sujeitos de sua própria história. Nessa perspectiva é que falaríamos em personagens experienciando um estado de devir, particularmente um devir-mulher-negra, compreendido como um processo no qual o sujeito entra numa espécie de nomadização, passando a se constituir por uma diferença em relação ao que se concebe como uma forma padrão. Assim, “Em outras palavras, a ideia de ‘devir’ está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes” (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 86). No que concerne à narrativa evaristiana, esse devir-mulher-negra resulta de uma série de agenciamentos responsáveis por fazer as personagens escaparem das políticas identitárias pré-estabelecidas, conforme demonstraremos.

Considerando a importância da referida noção filosófica para o desenvolvimento desse trabalho, é importante compreender, antes de iniciarmos propriamente a leitura crítica da literatura de Conceição Evaristo, como se formula a ideia do devir, e mais especificamente de um devir-mulher-negra, na obra dos estudiosos franceses supracitados. De acordo com os filósofos:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é processo do desejo (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 67).

Devir, nesse entendimento, passa por, inicialmente, considerar uma identidade prévia com uma forma e uma subjetivação fixadas, da qual é necessário ir se desterritorializando. Nesse sentido, o devir se principia a partir de um distanciamento

daquela identificação instituída socialmente e que costumeiramente reserva para a mulher negra um lugar marginal. Em relação a essa noção, é importante compreender ainda que devir não se opõe a uma forma, uma vez que tal oposição pressuporia uma outra forma, igualmente pronta e acabada.

Desse modo, o mais coerente seria compreender o devir como uma espécie de experimentação perpétua, que não se conclui. De igual maneira, para Deleuze e Guattari (1997), o devir não pode ser interpretado a partir de uma relação de semelhança, pois quando falamos em devir-mulher ou devir-criança não se trata de imitar uma mulher ou uma criança. Assim, devir-mulher, por exemplo, não é necessariamente assumir a forma mulher, imitando-a. É preciso lembrar que a própria mulher precisaria passar por um processo de desterritorialização, afastando-se dos estratos de uma macrofeminilidade para entrar em vizinhança com partículas de uma microfeminilidade³, ou seja, “(...) nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir uma mulher molecular, criar a mulher molecular” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 68), que se constitui num contraponto àquelas significações históricas para as quais o sujeito feminino é concebido como objeto e não como sujeito de sua própria vida.

É preciso lembrar ainda que, segundo as considerações de Deleuze e Guattari (1997), o devir é um processo próprio do universo do minoritário. Nesse caso, trata-se de uma experiência vivenciada por aqueles indivíduos considerados como pertencentes a grupos marginalizados, reconhecidos pelas Ciências Sociais a partir da noção de minorias, entre as quais se incluem tanto o sujeito mulher como o negro. Desse modo, quando esses estudiosos pensam uma tipologia dos devires minoritários, eles o fazem estabelecendo um contraponto com uma identificação considerada majoritária, que eles designam como próprias do campo molar, e que se erige numa associação com as macropolíticas.

³ Deleuze e Guattari (1997) compreendem que há uma forma instituída para o sujeito feminino (boa filha e esposa, mãe dedicada, dona de casa exemplar, sexualmente recatada e do lar), que o territorializa numa macrofeminilidade, ou seja, numa identificação imposta a ele pelas instituições sociais, sobretudo numa sociedade patriarcal. A noção de microfeminilidade se configuraria a partir de um processo de ruptura com os estratos de uma macrofeminilidade, permitindo à mulher constituir partículas de subjetivação responsáveis por fazê-la escapar de uma representação pré-estabelecida.

Mas se o devir é pensado a partir de uma associação com o universo do menor, quais critérios definem a ideia de maior e menor (maioria/minoria)? Essa definição não é dada por uma quantidade, mas pela ação normalizadora, por um modelo cuja função é orientar o campo de forças que constituem o homem. Dentro de uma sociedade patriarcal, esse lugar do maior é ocupado pelo masculino. A identificação considerada como majoritária/molar é a do homem do sexo masculino, branco, adulto, morador das áreas urbanas, com práticas sexuais ativas e heterossexuais (poderíamos dizer ainda que se refere ao homem ocidental, sobretudo ao sujeito europeu). A ideia de maior atribuída a essa identificação se constitui, assim, sobretudo por um marcador de poder, por um comportamento de dominação.

Nesse caso, é interessante lembrar, a partir da corrente filosófica em questão que, como se trata de um padrão universal, uma entidade maior/arquetípica (e os devires são sempre minoritários), não podemos falar num devir-homem: “[...] o homem é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devir-minoritário. [...] Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 87). Com efeito, uma tipologia dos devires será formulada num contraponto com esse modelo/arquétipo, por isso Deleuze e Guattari (1997) vão se referir ao devir-mulher, devir-criança, devir-animal, devir-homossexual, devir-negro, etc. Note-se, então, que a ideia de minoria é definida como um elemento diferenciador da maioria, a partir de uma identificação que não se enquadra naquele protótipo já demonstrado.

Para a leitura da obra da escritora mineira Conceição Evaristo será importante compreender como se formula a ideia de um devir-mulher e de um devir-negro, especificamente um devir-mulher negra. Nesse sentido, é preciso lembrar que o indivíduo mulher é reconhecido, inicialmente, por uma identidade prévia com marcas de uma macrofeminilidade, ainda que essa não apareça como um marcador de poder em relação ao indivíduo homem. Isso quer dizer que, assim como ocorre ao homem, também existe uma identificação molar/majoritária que é instituída para o sujeito mulher – ‘das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui, das funções que se preenche’ – a partir das quais a mulher deveria ser identificada como:

boa filha, boa esposa, mãe dedicada, dona de casa exemplar (com dotes culinários), sexualmente recatada e do lar.

Quando se empreende um devir-mulher, observamos um processo de desterritorialização dessa subjetivação padrão, que se inicia por um rompimento daqueles estratos de uma macrofeminilidade, por um movimento realizado a partir de linhas de fuga ao encontro de uma microfeminilidade no campo do sexual, do afetivo, do maternal, etc. que escapam de uma cartilha do patriarcal, instituída tradicionalmente ao feminino como uma obrigação.

A fim de tornar mais clara a nossa explicação, passemos a nos referir à obra de Conceição Evaristo, observando como a autora problematiza a representação estereotipada da mulher negra comumente construída a partir da atuação das instituições de poder. O que pretendo demonstrar é que, contrariando essa perspectiva, a literatura evaristiana, ainda que coloque em cena personagens que aparecem representadas em condições marginalizadas, investe na expressão de um novo paradigma por meio do qual denuncia as relações de poder a que estão submetidas historicamente as mulheres negras.

Configurações literárias do devir-mulher-negra

A obra de Conceição Evaristo, e conseqüentemente a representação de gênero que emerge em seus textos, pode ser compreendida a partir da noção de “escrevivência”, espécie de conceito formulado pela própria escritora e que se refere a uma escrita que estabelece associações com a própria história da autora e com a sua condição de mulher negra e de origem simples. Não se trata de uma narrativa biográfica, é antes quase um tipo de ficção verdade, que se alimenta do mundo real, refletindo-o e reinterpretando-o esteticamente. A respeito dessa categoria de escrita, a própria autora afirma:

Na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! [...] Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens, seus

familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça da família”, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e, mormente, para apoiá-los depois. Talvez por isso, tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? (EVARISTO, 2007, p. 17).

Considerando a relação entre vida e obra, seria possível dizer que Evaristo traria para a sua literatura as marcas de sua vivência marginalizada por uma condição de gênero, imbricações étnicas e por questões sociais. Marcas do sujeito mulher, afrodescendente, nascida no subúrbio de Belo Horizonte e que experienciou, constantemente, situações adversas, sendo vítima da violência e do preconceito.

Por esse motivo, os seus escritos podem ser lidos a partir de um comprometimento ético e político pelo qual se delineia a representação e o enfrentamento dos problemas sociais, sobretudo daqueles que afligem o indivíduo mulher negra, nos termos de uma literatura empenhada, como pensada pelo crítico Antonio Candido, quando discorre a respeito do direito à literatura: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 177). Ainda de acordo com o mesmo crítico, “é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante” (CANDIDO, 2011, p. 177-178).

A essa última categoria referida por Antonio Candido se associa a literatura de Conceição Evaristo, problematizando e confrontando um ‘estado de coisas predominante’, que objetifica a mulher negra. Ao realizar esse exercício de confronto, a narrativa evaristiana emerge lembrando que a literatura, como observou o crítico supracitado, “não é uma experiência inofensiva” (CANDIDO, 2011, p. 178). Pelo contrário, ela pode ser compreendida como elemento que perturba a estrutura social, como faz os escritos evaristianos pela configuração de um devir-minoritário: um devir-mulher/devir-mulher-negra, como representado no poema “Vozes-mulheres”, publicado no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.

ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
a voz da minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
o ontem – o hoje – e o agora.
na voz da minha filha
se fará ouvir a ressonância,
o eco da vida liberdade (EVARISTO, 2017, p. 24-25).

No poema em questão, observamos a aparição de uma genealogia de mulheres negras - a bisavó, a avó, a mãe, o eu-lírico e a filha - descritas em condições de subserviência, vítimas de uma violência perpetuada de geração a geração, mas que vai sendo, de alguma maneira, contestada por cada uma delas que, ao seu modo e dentro das condições de cada temporalidade, buscam formas de resistência que se principiam com o lamento da personagem mais velha, a bisavó, passa pela obediência da avó, a revolta ainda que ecoando baixinho da personagem mãe, até chegar nos versos perplexos do sujeito lírico e se potencializar no “eco da vida liberdade” propagado pela voz da filha.

Dessa maneira, ao longo do texto, percebe-se que a personagem mulher negra vai se destituindo de uma identificação estereotipada/subjugada. Da personagem mais velha para a mais nova, observamos a constituição de todo um devir-mulher-negra que se desenvolve como processo do desejo. Deleuze e Guattari (1997) lembram a todo instante que não se deseja sem entrar numa relação de devir. Desejo nesse sentido é movimento, é se desprender dos padrões instituídos, se desvencilhar daquilo que nos limita. No caso do texto em questão, o desejo representado é, sobretudo, o de uma liberdade. Os filósofos franceses supracitados lembram que a liberdade é a plena afirmação de nossa potência.

Verticalizando a leitura crítica do poema, constatamos que a voz da bisavó ecoando lamentos nos porões do navio é uma realidade pretérita que não se pode negar. Trata-se de uma referência metonímica ao tráfico de pessoas negras, um acontecimento vergonhoso da história da humanidade e, particularmente, do Brasil, um dos últimos países a abolir a escravidão apenas no final do século XIX. Como consequência desse episódio, os versos da segunda estrofe do texto de Conceição Evaristo representam a obediência da avó negra aos homens brancos, ratificando uma condição de subserviência recebida pela segunda personagem como uma espécie de herança maldita, da qual não se podia escapar.

No entanto, da terceira estrofe em diante, verificamos o princípio de um devir-mulher-negra a partir da trajetória da mãe, num trânsito que se realiza por um contraponto com aquele movimento da casa grande para a senzala, das ‘cozinhas alheias (...) rumo à favela’, e que se revela por uma revolta ainda não enfática, que ecoa baixinho, mas que já aparece como sinal de mudança. Esse movimento de transformação vai ganhando grandeza na voz do sujeito lírico, em versos ‘perplexos com rimas de sangue e fome’, que denotam, ao menos, a passagem de objeto para sujeito da própria escrita. São versos que apontam para a possibilidade de uma interferência na estrutura social pelo comportamento protagonista da filha, que age fazendo o resgate do passado, para ser no presente e no futuro a voz daquelas mulheres que não puderam falar, muito menos escrever. Por meio dessa última personagem referida no poema ‘se fará ouvir a ressonância, o eco da vida liberdade’, de toda uma descendência de mulheres negras.

Devir semelhante ao representado no poema pode ser constatado em outro texto da mesma escritora, narrativa que compõe o livro de contos *Olhos d'água*, e que se intitula “Duzu-Querença”. Narrado em 3ª pessoa, o texto conta a história da personagem Duzu, mulher negra e de origem humilde, com uma trajetória de vida marcada por uma violência física (sexual) e simbólica. No princípio do conto, a personagem é caracterizada como uma mendiga já velha, moradora de rua, faminta e praticamente abandonada:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga com expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria (EVARISTO, 2016, p. 20).

A cena pode ser lida pensando a modalidade de literatura que objetiva, nos termos de Antonio Candido (2011), representar e firmar posicionamento em face dos problemas sociais. É construída como uma espécie de ficção-verdade, porque escreve a existência numa potencialização da natureza mimética da literatura, representando um acontecimento do mundo real que deveria nos indignar, mas que, de tão comum, passa como despercebido ou como um episódio que não nos importa porque dele insistimos em ser alheios. A literatura, nesse sentido, ao reinterpretar esteticamente a realidade, torna-se uma arma poderosa capaz de “(...) incutir em cada um de nós o sentimento de urgência de tais problemas” (CANDIDO, 2011, p. 186).

No excerto narrativo supracitado, representados aparecem o problema da fome, do abandono de pessoas idosas, da mendicância, da discriminação de gênero, mas, em meio a todos eles, não podemos deixar de notar uma mínima forma de resistência explicitada no comportamento da personagem protagonista. O narrador observa que, ao passar por Duzu, um homem a olha ‘com expressão de asco’, explicitando o seu desprezo pela alteridade. A mulher, entretanto, ‘lhe devolve um olhar de zombaria’, assinalando uma mudança de perspectiva a partir da qual demonstra alguma forma de reação, de não resignação, que pode ser compreendida numa associação com a ideia de devir-mulher: “Devir-mulher é o ato de encarnar o feminino, a instabilidade e a multiplicidade, sua resistência a status fixo e representante da masculinidade. ‘Devir-mulher’ é um plano necessário no ato de ‘tornar-se’” (CARNEIRO, 2013, p. 84).

No desenvolvimento do texto literário, utilizando-se do recurso do *flashback*, o narrador apresenta a trajetória sofrida da protagonista: a viagem de trem, realizada quando ainda era praticamente uma menina, do interior para a cidade grande, onde Duzu achando que iria estudar, passa a ser explorada primeiro em atividades domésticas – lavando, passando e arrumando quartos num bordel – até se tornar vítima do abuso sexual e passar a ganhar a vida como prostituta. A respeito de uma existência marcada pela convivência com a violência, o narrador afirma que Duzu “acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas” (EVARISTO, 2016, p. 22).

A história da personagem pode ser lida como a de uma coletividade de mulheres negras, inclusive daquelas que constituem a sua parentela e que são igualmente marginalizadas, vítimas das relações de poder. Trata-se de uma vivência marcada pela insígnia da dor, do sofrimento, do abandono por parte das instituições, talvez por isso, e como uma forma de refratar toda essa condição, Duzu resolve, ao final do conto, constituir o seu devir por uma espécie de loucura, de delírio, escapando da realidade dura e mesquinha na qual sempre teve que sobreviver: “Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real” (EVARISTO, 2016, p. 22). Interessante notar que, no contexto da narrativa, a loucura/delírio aparece para Duzu como uma forma de potência, e não como aquilo que a limita. É um recurso que acaba por libertá-la, transportando-a para outros mundos.

Ao final do conto, já após a morte de Duzu, chama a atenção do leitor o comportamento da personagem da neta cognominada Querença. Por meio das ações da menina, Conceição Evaristo problematiza a representação estereotipada da mulher negra, subvertendo uma condição de inferioridade, a qual normalmente esse indivíduo aparece associado, como se fosse algo natural, mas que na verdade é construída por relações de poder. Essa subversão vai se formulando por um processo de devir-mulher-negra, semelhante àquele que aparece traduzido pelas ações da personagem da filha na última estrofe do poema “Vozes-mulheres”. Seguindo trajetória análoga, na narrativa Querença se torna a responsável por retomar os desejos e sonhos

de uma genealogia de mulheres negras, buscando reescrevê-los dentro da sua contemporaneidade pela aquisição do conhecimento:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias (EVARISTO, 2016, p. 23).

Diferente da avó Duzu, que ganhara a vida sendo explorada em atividades domésticas, depois como prostituta e até mendigando pelas ruas da cidade, a menina Querença dispensa parte do seu tempo aos estudos e ao ensino de outras crianças, assinalando um novo paradigma para a história de sua família e de uma série de outras mulheres afrodescendentes, normalmente sem acesso a um saber institucionalizado. A referência a sua participação no grupo de jovens da Associação de Moradores e no Grêmio da Escola aponta para uma forma de militância política que lembra o campo das micropolíticas, como caracterizada por Deleuze e Guattari (1996, p. 90): “uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa, etc.”, operada sob o impulso de um desejo ativista e não daquilo que dita as instituições sociais.

Em certo sentido, Querença emerge como símbolo de esperança, como uma forma de potência, que se traduz na própria cognominação da personagem, identificada por um nome que carrega acepções semânticas que se relacionam aos afetos e aos desejos. Nessa interpretação, Querença é ação ou efeito de ‘querer’, de querer falar, estudar, escrever, tornando-se sujeito de sua própria história.

Considerações finais

Para concluir essa fala, gostaria de iniciar me referindo a uma distinção estabelecida por Deleuze (2004) para um entendimento coerente a respeito das noções de poder e potência. O filósofo francês compreende o poder como uma forma de impedir alguém do que este alguém realmente pode, portanto como uma forma de

coação, de dominação, de apropriação, como uma forma, enfim, de despotencialização. Em última instância, o poder se manifesta de maneira absoluta investindo na impotência do outro, contra a vida do outro, buscando a todo custo eliminá-la, por isso Deleuze conclui em seu *Abecedário* (2004) que todo poder é triste.

Ao contrário do poder, a potência se constitui no exercício da criação, da liberdade, dos desejos e dos querereres, como representado pelas possibilidades da protagonista Querença, do conto “Duzu-Querença” e por todo um conjunto de personagens mulheres negras que estão presentes na obra da escritora Conceição Evaristo. Uma obra em que se ficcionaliza uma angústia coletiva de um povo quase sempre silenciado, uma escrita que, como lembrou a professora Constância Lima Duarte (2010), testemunha a banalização do mal responsável por naturalizar uma violência física e simbólica que causa danos morais e psicológicos à mulher negra, mas que, por outro lado, emerge como porta-voz da esperança de novos tempos, na medida em que se configura também como um projeto político em que o registro escrito varia entre o testemunho e o ficcional, equilibrando a intenção documental com a sugestão dos estados líricos, a fim de representar agentes femininos experienciando um devir-mulher-negra capaz de transformá-los em sujeitos de sua própria história.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARNEIRO, Altair de Souza. *Deleuze e Guattari: uma ética dos devires*. Toledo, 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – CCHS, UNIOESTE.

DALCASTAGNÉ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@l: Revue d'études ibériques el ibéro-américaines*, Paris, FR: Universidade de Paris – Sorbonne, nº 02, p. 13-18, 2012.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997(b).

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista a Claire Parnet em 1988. Vídeo transcrito e traduzido por Tomáz Tadeu da Silva. Éditions Montparnasse, Paris, 2004.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: Duarte, Constância Lima et al. *Falas do outro: literatura, gênero, identidade*, Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2016.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. Em ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). *Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NETO, João Leite Ferreira. Micropolítica em Mil Platôs: uma leitura. *Psicologia USP*. Vol. 26, Nº 3, p. 397-406, 2015.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1982

Recebido em 20/04/2023

Aceito em 29/06/2023